

Tema: Press Clippings				Âmbito: Nacional	Tiragem: 64520
Título: Luis Amado põe as mãos no fogo por Freitas e Portas				Temática: Generalista	GRP: 4.0
2007/02/17	PUBLICO – PRINCIPAL	Pág. 13		Imagem: 1/1	Periodicidade: Diária



Voos das Lajes para Guantánamo não têm de ser suspeitos, diz Amado

Ministro questionado no Parlamento

Luís Amado põe “as mãos no fogo por Freitas e Portas”

Se a passagem de voos da CIA por território português é um facto incontestável, já a prática de actos de tortura ou maus tratos em suspeitos de terrorismo com o conhecimento e cumplicidade de governos nacionais é algo totalmente recusado pelo ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros. Ontem, no Parlamento, Luís Amado afirmou não existir qualquer prova ou ter qualquer informação sobre factos desse tipo, nomeadamente “prisioneiros agrilhoados” na base das Lajes.

“Encontrei registos de sete voos de e para Guantánamo, mas a existência desses voos não os torna necessariamente suspeitos”, disse. E frisou que, no âmbito da operação *Liberdade Duradoura*, desencadeada na sequência do 11 de Setembro “sob o chapéu das Nações Unidas, foi dada uma autorização genérica de utilização da base das Lajes e de sobrevoo do espaço aéreo à Administração norte-americana.

Questionado pelo deputado do Bloco de Esquerda Fernando Rosas sobre se era capaz de pôr as mãos no fogo sobre o que fizeram os seus antecessores nessa matéria, Amado foi claro. “Enquanto eu não tiver nenhum elemento que me prove que os meus antecessores, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Ministério da Defesa, no Governo de Portugal, cumpliciarão com qualquer ilegalidade cometida em território português, a minha obrigação é pôr as mãos no fogo por eles e assim farei”, afirmou.

Isto não significa, reconheceu, que não possam vir a surgir “factos novos”, nomeadamente no inquérito-crime aberto pela Procuradoria-Geral da República (PGR) na sequência das denúncias da eurodeputada Ana Gomes e do jornalista da *Visão* Rui Costa Pinto. Ou mesmo em revelações que possam ser feitas pela Administração norte-americana, se vingar a tendência democrata de levantar o segredo sobre as rendições extraordinárias.

Dois dias depois de o Parlamento Europeu ter aprovado o relatório da comissão temporária sobre voos da

CIA, onde se apela para que Portugal prossiga com as investigações respeitantes ao que se passou no seu território, Luís Amado garantiu que o Governo não deu o caso por encerrado e que terá uma “colaboração activa” com a PGR naquilo em que for solicitado.

“Chicana política”

Mas Amado recusou alimentar a “chicana política” que considera estar a ser feita por alguns sectores, e rejeitou “fiscalizar” a acção dos governos anteriores. “Não encontrei nunca” factos que apontassem para qualquer ilegalidade anterior, “mas também não andei a abrir os baús à procura deles”, afirmou aos deputados.

Aquilo que já identificou foram “alguns problemas nos procedimentos e



Amado admitiu que podem vir a surgir “factos novos”, nomeadamente no inquérito aberto pela Procuradoria

regras de controlo” de voos e passageiros nos aeroportos portugueses, mas sobre isso já trabalhou uma comissão interministerial, estando esses mecanismos a ser alterados, frisou.

PCP e BE não ficaram satisfeitos com as explicações do ministro, levantando dúvidas sobre outros casos concretos que terão ocorrido fora das Lajes e até nos últimos meses, lavrando ainda protesto sobre a audição ter decorrido no prazo limite de uma hora.

Já PS, PSD e CDS/PP louvaram a actuação do ministro em todo este processo. Uma atitude que, segundo o popular Helder Amaral, contrasta com o “terrorismo mediático da deputada Ana Gomes”. O socialista Vera Jardim não gostou das palavras, mas também deixou claro não subscrever as acusações que a eurodeputada fez a Amado. E disse mesmo: “Não se preocupe, senhor ministro, nós cá estamos para tratar deste problema.” **Leonete Botelho**